CONTO
POR ADEMIR PASCALE

O ÚLTIMO HOMEM

Incentivo
à leitura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fevereiro de 2025.

Visão embaçada. Sensação de angústia. Formigamento. Frio. Foi exatamente isso o que ele sentiu quando saiu cambaleando de dentro do grande cilindro. Seminu e descalço, caminhou até a porta do cubo. Trancada. Sentou no único banco de metal e tentou recordar o que diabos fazia ali, e pouco a pouco as lembranças foram surgindo e os acontecimentos entrando nos eixos.

A primeira lembrança foi que não estava sentindo sua constante dor de cabeça.

A segunda lembrança, que veio como um baque, foi que nunca mais veria a sua querida Antônia.

A terceira lembrança, que gerou-lhe um conforto momentâneo, era que estava fora da penitenciária.

Mas, afinal, você nem sabe sobre o quê eu estou falando, não é verdade? Bom, primeiramente falarei sobre David, depois você entenderá como e porquê ele foi parar dentro do Cubo, além de um acontecimento extraordinário que o aguarda fora dele.

Sim, este é David

Janeiro de 2024.

As noites de sexta-feira na Avenida Paulista são movimentadas e luminosas. Os bares, cheios de pessoas alegres e garçons atarefados. Os motoristas de ônibus passam cansados pela avenida e se imaginam sentados naquelas cadeiras tomando uma cerveja gelada. Os cobradores, idem, ou pelo menos os que ainda permanecem acordados em seus assentos.

Mas nem tudo é alegria e descanso.

Algumas lojas continuam com suas portas abertas até às 22 h. David, um rapaz de vinte e dois anos, trabalha numa delas. Uma das poucas livrarias existentes em São Paulo. Os seus olhos cansados visualizam no relógio que faltam cinco minutos para o final do expediente.

Ele conta os segundos.

Dois clientes entram na livraria, e quando isso acontece, o vendedor é obrigado a permanecer até eles irem embora.

David ganha um salário mínimo mensal, mais comissão de um por cento sobre as vendas, mas não suporta trabalhar depois do horário.

E não suportaria nem se a comissão fosse dez por cento.

Ele agacha atrás do balcão, assim como fazem outros dois vendedores experientes. O gerente vê a cena, mas já está acostumado. O novato que começou na semana passada continua em pé, e ele é o último a permanecer na livaria.

Fora do ambiente de trabalho, David caminha lentamente pela calçada da Avenida Paulista e o seu destino é a Avenida Consolação. Ele poderia ir de ônibus, mas sempre prefere fazer esse roteiro a pé. Sentir a brisa e ver a imensidão daqueles prédios, trazia um certo conforto para a sua mente cansada.

Mas ele esqueceu de algo importante. Muito importante: era sexta-feira, a noite mais agitada da semana.

O falatório, gritos e risos das pessoas nas ruas, bares e pontos de ônibus lotados, causam-lhe uma terrível dor de cabeça.

Na realidade ele sempre sentia dores de cabeça. E qualquer motivo era motivo para sentir.

Mas geralmente isso acontecia quando estava para chegar em casa.

Ele precisava ingerir seus milagrosos remédios antidepressivos.

Parou num bar e fez algo inusitado: pediu uma cerveja para engolir com os comprimidos. Precisava averiguar se a contraindicação de sua bula realmente funcionava.

E funcionou.

A dor de cabeça não cessou. Mas estava diferente; aguda e latejante, não apenas um simples incômodo como sempre sentia.

E conforme andava, as dores aumentavam.

Tentou pressionar a cabeça com as mãos enquanto cerrava fortemente os dentes, mas não adiantou. Alguns pedestres notam o desespero do rapaz, mas logo disfarçam e desviam o olhar.

David tentou pensar em algo diferente para esquecer da dor, mas todo o seu pensamento estava concentrado justamente nela.

Ele gritou e correu desesperadamente até a porta de um hotel de luxo. Entrou. Afundou as nádegas num confortável sofá próximo da recepção. Levantou-se, pegou um jornal, abriu e escondendo o rosto entre ele, passou despercebido pelo recepcionista.

Entrou no elevador e foi até o último andar. Subiu uma escada e abriu uma porta. Estava no topo do mundo. E lá de cima, imaginou ser Deus, e pode ver uma imensidão de prédios e pessoas como formigas em passos minúsculos e lentos.

Parecia que a dor de cabeça estava cessando.

Mas logo retornou ainda mais forte.

Ele precisava eliminar àquela dor. Teria que fazer algo, mas não sabia o quê.

Mastigou vários comprimidos e os engoliu, deixando alguns detritos parados na garganta.

O desconforto era insuportável: dor latejante na cabeça, falta de ar e olhos lacrimejantes.

David corria de um lado para outro tentando arrancar os próprios cabelos. Parou próximo ao parapeito. Olhou para baixo e viu uma única opção para cessar seu sofrimento: pular.

Mas antes de concretizar o seu plano, alguém segurou a sua camisa. Era o segurança do hotel que viu através da câmera do elevador o desespero do rapaz que se contorcionava loucamente.

— Você está louco, rapaz?

— Estou. Estou louco para acabar com esse sofrimento. Não aguento mais, a minha cabeça parece que vai explodir.

David começa a se debater, e tentando se livrar do obstáculo de músculos, empurra o segurança para a morte.

E sem tempo para arrependimentos ou remorsos, o rapaz desce a escadaria e retorna para o elevador. E antes de colocar as mãos sobre o rosto e fincar as unhas na pele, ele aciona o botão "térreo". Mesmo com a mente confusa, tenta resgatar um resquício da sanidade que lhe sobrara, passando em passos apertados e rápidos pela recepção, como uma pessoa desesperada para sanar suas necessidades num vaso sanitário, mas que está bem distante dele.

Na calçada, a dor em sua cabeça intensificou-se ao ver o corpo do segurança ensanguentado sobre o asfalto. Parecia que alguém tocava um tambor dentro do seu cérebro.

BUM!

BUM!

BUM!

Uma pequena multidão se aglomera ao redor do defunto, como se assistissem ao final de uma copa do mundo. David passa despercebido por elas. Caminha ziguezagueando por duas quadras. Abraça um poste e bate a sua testa sobre ele, uma, duas, três vezes, até desmaiar.

A Enfermeira

David acorda num leito de hospital e verifica que está seminu embaixo do lençol. Em sua testa, um curativo. O seu braço esquerdo, amarrado na grade da cama. Sobre o seu dorso uma HQ do Batman. Na porta da entrada do quarto, um homem negro vestido de branco preenche algo sobre uma prancheta. Ele faz algumas perguntas para o acamado:

— Que bom que o senhor acordou. Está tudo bem? Está com fome?

— Estou morrendo de fome. Mas diga, por que estou amarrado?

— O senhor se lembra do seu nome?

— Claro, David... David Barcelar.

— O senhor toma algum medicamento?

— Sim, alguns comprimidos antidepressivos.

— O senhor desmaia com frequência?

— Olha, por enquanto só eu estou respondendo as perguntas, mas você não respondeu uma única que fiz para você. Por que estou amarrado?

— Calma, que já, já voltarei com o seu lanche e mais alguns remedinhos.

— Mas que merda! Não quero saber de droga de remedinhos, quero é sair daqui.

O homem sai do quarto sem responder a pergunta. David fica descontrolado e tenta soltar o braço preso na cama, mas uma mão feminina acaricia o seu rosto.

— Humm, acordou? Leu a revistinha do Batman que deixei para você?

O rapaz leva um choque ao ver a enfermeira que está quase sobre ele. Uma mulher jovem, mas com aparência madura, cabelos oxigenados, largo sorriso, corpulenta e muito, muito maquiada.

David não sabia que enfermeiras podiam se maquiar tanto assim.

Ela desamarra o jovem. Tranca a porta do quarto. E aperta o dedo indicador sobre os lábios pedindo silêncio. Em seguida, abre a janela e mostra que estão no primeiro andar do hospital. E como David não é idiota, sabe que ela o está ajudando, mesmo não sabendo o real motivo da ajuda.

Em seguida ela lhe dá um beijo e belisca as suas nádegas nuas. Devolve a sua roupa e caminha até a outra ponta do quarto, permanecendo de costas por alguns segundos, até o rapaz perceber que ela finge não notar a sua fuga.

Ele pergunta o seu nome, e num sussurro descobre que é Antônia.

E sem se despedir, pega sobre a mesa um punhado de biscoitos água e sal, e foge pela janela. Mas no impulso, não percebeu que faltava algo importante em seu bolso: o seu frasco de comprimidos antidepressivos.

Obsessão

David descobriu que Antônia, a enfermeira, saia todos os dias, de segunda a sexta, às quatorze horas da tarde. Virou obsessão esperá-la escondido atrás de uma árvore, até o fim do seu expediente no hospital.

O horário na livraria, resolveu fácil, ia almoçar todos os dias às treze e meia, corria até a Avenida Nove de Julho e ainda lhe sobravam alguns minutos para comer um cachorro-quente enquanto aguardava a moça.

Mas um dia, além de observá-la, passou a segui-la. David era um grande observador e sabia todos os seus gestos e vícios. Parecia que ela ensaiava, pois repetia sem margem para erros os mesmos gestos: sai apressada do hospital, com um casaco marrom sobre o avental branco e com um cigarro no canto direito da boca. Para em frente ao terceiro banco da praça. Coloca os cabelos atrás das orelhas. Abre a sua bolsa — uma imitação barata de couro — retira uma caixa de

fósforos e com muita experiência, risca a cabeça do palito na caixa e acende o seu cigarro — David não entendia porquê ela simplesmente não utilizava um isqueiro — depois olha para o céu, enquanto traga com força, deixando a ponta do cigarro vermelha e nítida. E continua a sua caminhada, mas agora não com tanta pressa. O seu olhar era sempre vazio, como se olhasse para algo sem notar o que estava olhando.

David tentava imaginar o que Antônia imaginava. Mas imaginava que era difícil imaginar o que uma mulher imagina. E antes de continuar com suas repetições chatas do verbo "imaginar", simplesmente esquecia do assunto, ou imaginava que esquecia.

Antônia não residia tão longe. Cerca de dez minutos do seu local de trabalho. E David já conhecia a sua casa de vista, pois passara, desde criança, inúmeras vezes naquela rua.

Ela morava num local "aparentemente" aconchegante. Um sobrado branco e grande, com um jardim que não fazia jus a casa, pois o mato, além de espesso, escondia as suas poucas flores, deixando ar de abandono. No canto esquerdo do imóvel, três placas de "vende-se", uma de cada imobiliária diferente.

David não sabia se ela morava sozinha, com os pais ou mesmo com o esposo, mas não acreditava que ela fosse casada. Pelo menos ele ansiava por isso. Então passou a observá-la dia e noite, pois queria saber todos os seus segredos; aonde ia, com quem conversava e os lugares que frequentava.

Não é difícil dizer que David perdera o emprego, demitido por ter comparecido à livraria depois de vinte e três dias de faltas consecutivas, sem dar nenhuma explicação plausível.

Mas teve êxito na perseguição, descobrira que a moça vivia com os pais, não era casada, mas permanecia num relacionamento enrolado, daqueles que o casal não sabe se namora, se são casados, separados ou simplesmente amigos.

O rapaz, aparentemente pouco mais velho que ela, era um homem comum. Comum até demais: uma pessoa apagada, baixa, magra, com corte de cabelo fora de moda e vestes simples. Enfim, uma pessoa que passaria despercebida em qualquer lugar.

E mesmo com toda essa simplicidade, David o invejava. Queria ser como ele. Queria estar no lugar dele. Passou a pensar mais nele do que nela.

Precisava separá-los de qualquer maneira. Então passou a também persegui-lo. Descobriu que seu nome era Maycon. Um perfeccionista de vinte e oito anos que adora cozinhar. Mas que ainda não passava de uma pessoa comum. David queria ser comum como ele, mas não conseguia. Ele achava difícil ser comum. Então saiu das sombras e passaram a ser amigos, algo até fácil, depois de uma conversa na fila do caixa do supermercado sobre receitas de strogonof.

David estranhou o modo como as pessoas sorriam e o olhavam na fila. Parecia que homens não podiam conversar sobre culinária, como se mulheres não conversassem sobre carros e futebol.

Não que David entendesse de receitas. Mas strogonof de frango com milho verde foi a única receita que conseguira decorar para conquistar o novo amigo.

Maycon passou a frequentar a casa de David. David passou a frequentar a casa de Maycon, e numa dessas visitas, Antônia apareceu, trouxe um maço de flores para o seu companheiro, que jogou em cima da mesa sem dar importância. David ficou num canto da parede sem ser notado, mesmo sendo. E estático como uma estátua, achou a cena desconcertante. Em seus vinte e dois anos de vida, nunca presenciara uma mulher presentear um homem com flores, a não ser viúvas em enterros. *Será que Antônia premeditava a morte de Maycon?* Pensamento que surgiu momentaneamente, mas tentou ignorar a situação, e não conseguiu, como sempre acontece em situações estranhas das quais presencia.

— Humm, que cheirinho bom de feijão — Antônia vai até o fogão, retira a tampa da panela de pressão e verifica o caldo denso ainda borbulhante e com uma concha, enche o prato. — Delícia!!! Só você, Maycon, para fazer um feijão com bacon tão delicioso.

David, ainda estático, gira apenas os olhos, mas precisa dizer algo, ânsia por isso, como se as palavras quisessem sair de sua boca por vontade própria.

E sem dar importância se Antônia pudesse reconhecê-lo do hospital, conversa com ela.

— Bonitas flores!

— Eu também acho, mas parece que tem gente que não acha — diz Antônia com a boca aberta mastigando feijão.

— Sou homem, mas adoro flores — mente David.

— Mas, afinal, quem raios é você e o que faz aqui? Gosta de flores, é? Humm... muito estranho. Você e o Maycon não estão tendo um caso, né? Porque se tiverem, é só falar, juro que vou "tentar" entender.

— Pô, Antônia, está me estranhando? Primeiro me dá flores, e agora diz isso? Não tenho nada contra quem curte o mesmo sexo, mas gosto do sexo oposto, sou homem com "H", saco, e se veio para torrar a minha paciência, pode ir embora — diz Maycon apontando para a porta de saída.

— Se é assim que você quer, fique então com o seu feijão e o seu novo amiguinho, ou melhor, namoradinho, mas não me procure mais, nunca mais.

Antônia joga o prato sobre a mesa, pega a sua bolsa vagabunda de imitação de couro, sai e bate a porta, mas volta para soltar a alça que ficara presa. Bate a porta novamente, agora com mais força. Abre novamente, e num tom irritante, quase estridente, diz o inesperado:

— E sei muito bem quem você é, seu magrelo, acabei de lembrar dos seus comprimidos antidepressivos lá no hospital. Joguei todos fora.

Antônia bate novamente a porta, deixando um retrato de infância de Maycon que estava pendurado na parede se espatifar no chão. Ele se irrita, pega as flores em cima da mesa e as arremessa pelos ares, enquanto David vê pela janela a mulher da qual está apaixonado, indo marchando, com a mão dentro da bolsa, procurando por algo, provavelmente o seu maço de cigarros. Maycon abre a porta e atira o prato com feijão na rua, enquanto grita para ela nunca mais voltar. Ela para, olha para trás já com o cigarro na beira dos lábios, pega a caixa de fósforos e o acende, para depois jogar o palito a esmo. Traga profundamente e olha para o céu enquanto faz anéis de fumaça, vira e vai embora rebolando como nunca, como se dissesse, sem dizer, uma única palavra: "trouxa".

E com as veias quase explodindo no pescoço, Maycon grita seus últimos impropérios:

— E vá comer feijão na *putaquiopariu*, sua ingrata.

Depois de conhecer a forte personalidade da garota, David fica ainda mais apaixonado. Maycon ficou envergonhado com a cena, e chegou a cogitar a hipótese de separação definitiva. David o apoiou.

Dois dias depois, por telefone, eles finalmente se separaram.

Maycon chorou. Antônia fumou mais um cigarro. David sorriu.

Este era o momento certo para conquistar a moça, livre e desimpedida.

Mas como sempre, as coisas não são tão fáceis. Na realidade, era mais difícil do que David imaginava.

Mais uma vez, não!

David achava estranho o comportamento de Antônia, afinal, foram três anos de enrolação com Maycon. Ela estava tranquila, como sempre. Ele, em apenas duas semanas, emagrecera assustadoramente. Ela continuava fumando, olhando para o céu e fazendo anéis de fumaça. Ele caiu na depressão. Ela passou a adotar um batom de tom vermelho mais forte nos lábios. Ele não conversou mais sobre receitas. Ela parecia mais feliz e sempre estava com um sorriso malicioso, como se pensasse em algo que fizera com alguém na noite anterior. Ele parou de frequentar o supermercado. Ela frequentava outra casa.

E é justamente sobre esta "outra" casa que David passou a matutar dia e noite. Queria saber o que ela fazia ali todos os dias, duas, três horas e às vezes a noite inteira. Não conseguia ver ninguém, pois Antônia tinha as chaves da casa. E por este motivo descartou a possibilidade de ser uma simples amiga.

Provavelmente era um novo caso. Ou um caso antigo. David não conseguia descobrir o que se passava naquela cabeça de cabelos oxigenados. Foi

então que passou a ser mais ousado. Aproximou-se da casa na calada da noite. Passou pelo jardim e foi até a porta dos fundos. Mas o cão histérico do vizinho alarmou toda a vizinhança. Todas as luzes das casas do quarteirão se acenderam, e David teve que correr muito para não ser notado ou confundido com um ladrão.

Retornou na noite seguinte e acabou descobrindo que Antônia tinha uma amante.

A loucura tomou conta daquele homem. E desesperado, pensou na morte.

Mas não dele.

Delas.

Se ele não poderia ser feliz, elas também não.

No dia seguinte, David aguardou atrás de um poste a chegada de Antônia na casa da namorada. Ele tinha algo metálico na mão. Uma faca para cortar carne bem amolada.

E como sempre, ela chegou. David a olhou de cima em baixo. Mas não sentia mais o mesmo amor que sentia antes. Agora sentia ódio. E quando ela finalmente abriu a porta, ele a agarrou por trás. Mas, com uma simples cotovelada, ela jogou David quase no outro canto da sala. Enlouquecido, ele levantou e deu um salto com a faca apontada para o peito de Antônia, desferindo vários golpes.

O barulho e a gritaria chamou a atenção de Samanta, a garota de Antônia. Ela foi até a sala com uma vassoura e David levou várias vassouradas até conseguir perfurar o pescoço da garota que caiu logo em seguida em espasmos no chão.

Estava feito. Tudo estava acabado. David acabou com o seu sofrimento. Mas ao invés de correr, como qualquer assassino faria, ele permaneceu ali, sentado no sofá da sala, com as mãos ensanguentadas e com o olhar estático na bolsa de Antônia.

Quando a polícia chegou, encontrou além dos dois corpos no chão, um homem sentado no sofá, maquiado, vestido como enfermeira e com um cigarro aceso no canto direito da boca.

O Cubo

David foi condenado por duplo homicídio. E o seu caso piorou quando descobriram que ele também empurrou o segurança do hotel para a morte. Mas os seus assassinatos não acabaram por aí. Na cadeia, em seu primeiro dia, assassinou o colega de cela com um copo descartável. Ele introduziu o objeto na garganta do rapaz, até sufocá-lo. Isso apenas porque o rapaz não quis emprestar uma revistinha do Homem-Aranha.

E como as notícias correm rapidamente, os outros detentos passaram a temê-lo. Os guardas, idem. Ninguém queria um homem como aquele por perto.

Mas David não era o centro das atenções. Algo estranho estava para acontecer no mundo.

Na televisão do refeitório da detenção, o noticiário deu um alerta: *Cientistas afirmam que dentro de duas semanas milhares de meteoros cairão em diversas localidades da Terra, e será bem maior que a Leônidas, ocorrida em 1833.*

Esta foi a explicação dada para a população não cair em alvoroço. Pois, Leônidas, não passa de um simples fenômeno associado a passagem do cometa Tempel-Tuttle. O que está para cair na Terra não são simples meteoros, mas naves alienígenas poderosas, teleguiadas por habitantes hostis de um planeta fora do nosso sistema solar.

O governo brasileiro já sabia que algo semelhante um dia aconteceria. E para proteger o presidente, líderes e outros beneficiados, como grandes ricaços, investiram muito dinheiro e trabalharam arduamente num projeto intitulado *O Cubo*.

A nossa história deu uma grande reviravolta, mas se eu não a contasse, você não entenderia o motivo de um simples maluco e assassino parar dentro do grande experimento chamado *O Cubo*.

Pois agora você entenderá melhor:

Os cientistas precisavam rapidamente de uma cobaia humana. O projeto *O Cubo*, consiste em armazenar corpos por longos períodos de tempo, até anos se for preciso, dentro de um cubo superprotegido. Algo que não pode ser destruído nem por uma bomba atômica.

Como cobaia, pensaram nos piores condenados brasileiros, oferecendo enganosamente a redução penal como prêmio. Mas os cientistas precisavam apenas de uma pessoa para testes e o diretor da penitenciária escolhida sabia certamente quem ele escolheria: David.

Bom, agora você sabe porquê ele foi parar dentro do *Cubo*.

Mas o que você não sabe, era que ele teria de permanecer apenas quatro dias lá dentro. E como sempre, problemas acontecem:

1 – Colocaram David devidamente entubado dentro de um cilindro no interior do Cubo. Fecharam a sua única porta e a programaram com uma senha para abri-la automaticamente depois de quatro dias.

2 – Mas no quarto dia ela não abriu. Algo deu errado em sua programação e seria preciso horas para reprogramá-la.

3 – Enquanto tentavam reprogramar a poderosa porta, os cientistas descobriram que também erraram nos cálculos da chegada das naves alienígenas.

E como era de se esperar, os humanos foram eliminados, um a um, e as cidades destruídas, restando apenas entulhos. E nem os animais nos campos

foram poupados. Tudo foi devastado, exceto *O Cubo*, que permaneceu intacto, sem um arranhão.

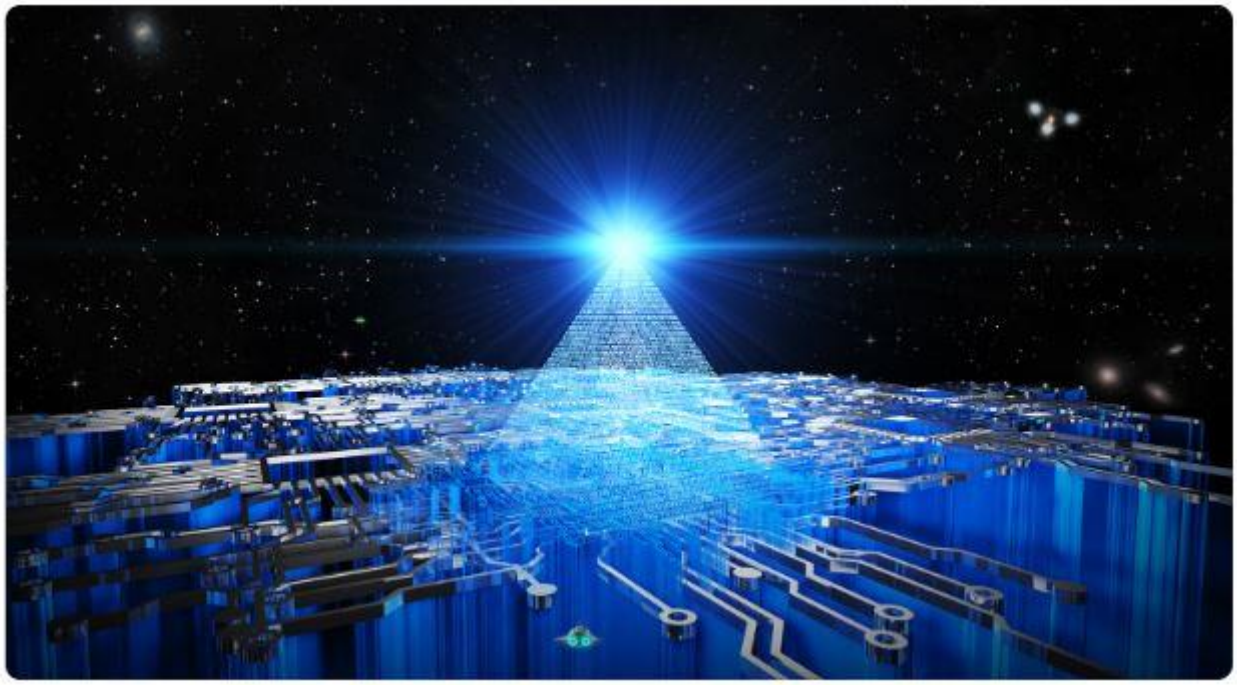
E ao invés de quatro dias, a porta foi reaberta quatro meses depois. O projeto funcionou. Mas todos os cientistas e seus investidores morreram, apenas por um erro de programação.

Seminu, David saiu do *Cubo*. Olhou ao redor e pensou estar num pesadelo, ou mesmo no inferno. Milhares de máquinas alienígenas trabalhavam incessantemente recolhendo entulhos e corpos dilacerados. Outras trabalhavam em novas construções, muito semelhante as pirâmides do Egito.

Confuso e desesperado, David gritou o mais alto que pôde.

As máquinas pararam de trabalhar e focalizaram seus feixes de luz em uma única direção: David.

Ele engoliu em seco. E esta foi a primeira e última vez em que o último e mais miserável dos homens sentiu medo.



Ademir Pascale é paulista, escritor, ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (http://www.revistaconexaoliteratura.com.br) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira

do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã n° 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books). Contato: ademirpascale@gmail.com